

# **ALGUMAS TENDÊNCIAS ATUAIS DA TEOLOGIA**

Card. Aloísio Lorscheider

## **Introdução**

1. Não é fácil apresentar as tendências atuais da teologia no Mundo e, de modo especial, na América Latina e no Brasil. Apesar disso, faremos um esforço, porque poderá ajudar-nos a ver mais claro o caminho da evangelização que nos compete seguir hoje.

2. Vivemos, na teologia, uma época de regressão. Não temos, no momento, nomes novos de grandes teólogos. Os teólogos de referência são ainda alguns de anos passados, sobretudo da época do Vaticano 11. Países sempre na ponta como França, Alemanha, também hoje não apresentam grandes nomes. A explosão teológica, provocada pelo Vaticano 11, entrou num compasso de espera. Sente-se certo mal-estar proveniente de uma acentuada tensão entre o magistério e os teólogos. Não é a primeira vez que isto acontece. Tendo, apenas, em vista este nosso século, poderíamos lembrar o tempo de São Pio X com a "Pascendi dominici gregis", tempo do modernismo (Tyrrell, Loisy); um pouco mais tarde, o tempo de Pio XII com a Encíclica "Humani generis", de 12 de agosto de 1950, tempo da "*Nouvelle Theologie*" (Danielou, de Lubac, Congar, Chenu, Schillebeeckx, Bruno de Solages); em 1968, 26 do mês de julho, com Paulo VI na oportunidade da Encíclica "Humanae Vitae", no pontificado de João Paulo 11, em 1984, 6 de agosto, quando da publicação "Libertatis Nuntius", sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação. Já nesta nossa década, com a

Encíclica "Veritatis Splendor", de 6 de agosto de 1993, sobre algumas questões fundamentais do pensamento moral da Igreja; logo no ano seguinte, 22 de maio de 1994, a Carta Apostólica "Ordinatio Sacerdotalis", em que se declara a ordenação sacerdotal - pela qual se dá o *múnus* que Cristo confiou aos seus Apóstolos de ensinar, santificar e reger os fiéis, desde o início da Igreja ter ficado sempre reservada só aos homens.

3. Na questão da não ordenação sacerdotal de mulheres, entrou de novo a ser discutida a infalibilidade papal, que já fora discutida em 1970 e 1973 com os livros de Hans Küng "Infalível? Uma pergunta" e "Falível? Um balanço". Com a Carta Apostólica de João Paulo II perguntou-se qual a força desta decisão. Seria irreformável? O Papa falara enfaticamente: "Ut igitur omne dubium auferatur circa rem magni momenti quae ad ipsam Ecclesiae divinam constitutionem pertinet, declaramus Ecclesiam facultatem nullatenus habere ordinationem sacerdotalem mulieribus conferendi, hancque sententiam ab omnibus Ecclesiae fidelibus esse definitive tenendam".

Este modo de se expressar suscitou diversas intervenções de teólogos, afirmando uns que se tratava de uma definição "ex cathedra", dizendo outros que não, por faltarem os modos de dizer típicos num documento desta natureza: como Pastor Universal da Igreja declaramos, definimos, pronunciamos ser divinamente revelado ... No ano seguinte, aos 28 de outubro de 1995, a Congregação para a Doutrina da Fé dava uma resposta sobre uma dúvida proposta, a saber, se a doutrina segundo a qual a Igreja não tem faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, proposta como definitiva na Carta Apostólica "Ordinatio Sacerdotalis", deve ser considerada pertencente ao depósito da fé.

A resposta foi **afirmativa**. E explica: esta doutrina exige um assentimento definitivo, já que fundada na Palavra de Deus escrita e constantemente conservada e aplicada na Tradição da Igreja desde o início, é proposta definitivamente pelo magistério ordinário e universal... Portanto, nas presentes circunstâncias, o Sumo Pontífice, no exercício de seu ministério próprio de confirmar os irmãos (cf. Lc. 22,32), propôs a mesma doutrina, com uma declaração formal, afirmando explicitamente o que deve ser mantido sempre, em todas as partes e por todos os fiéis, enquanto pertencente ao depósito da fé. [L'Osservatore Romano (em língua portuguesa), nº 47 - 25 de novembro de 1995, 10 (574)].

4. Além deste problema mais específico, os teólogos se perguntam sempre de novo sobre o alcance dos pronunciamentos do magistério ordinário da Igreja. É possível a dissensão?

No documento publicado pela Congregação para a Doutrina da Fé de 24 de maio de 1990 sobre a vocação eclesial do teólogo, há um longo trecho a respeito deste tema (nn. 36-41). A solução está no diálogo confiante com os pastores, no espírito da verdade e da caridade (nO40). Apesar disso, existe certa tensão. Estará faltando o diálogo?

Esta tensão, às vezes penosa, se poderia caracterizar como tensão entre a teologia oficial da Igreja e a teologia de atualização praticada pelos teólogos.

5. Um fator novo no campo teológico é certa desestima pela teologia científica ou acadêmica. Para muitos, a teologia como debate crítico e autocrítico da fé cristã parece ultrapassado. O interesse vai em outra direção. Para alguns, a fé em Deus é, em primeiro lugar, conclamação para a ação solidária com os pobres, os oprimidos, os excluídos. Para estes cristãos, a necessidade de uma reflexão crítica sobre a fé e suas exigências práticas é considerada desnecessária. Há, hoje, um forte encaminhamento pastoral-evangelizador. Além disso, há certa contestação às determinações ou orientações do magistério. Não se pode afirmar que o relacionamento de todos com o magistério seja muito pacífico e a religiosa submissão da vontade e inteligência aconteça sem muita fricção.

6. A teologia de hoje é uma teologia pluralista. Surgem teologias regionais ou mesmo locais. O diálogo entre estas diversas teologias se faz urgente. O verdadeiro discurso teológico não pode contentar-se somente com a interpretação e animação da realidade de uma Igreja particular, mas deve antes esforçar-se por aprofundar os conteúdos do sagrado depósito da palavra de Deus confiado à Igreja e autenticamente interpretado pelo magistério. A práxis e as experiências, que surgem sempre a partir de uma determinada e limitada situação histórica, ajudam o teólogo e o obrigam a tornar acessível o Evangelho a seu tempo.

A práxis, todavia, não substitui nem produz a verdade, se bem que a possa ressaltar em seus novos aspectos até então não percebidos explicitamente. A práxis permanece ao serviço da verdade que nos foi consignada por Deus. O teólogo é chamado a decifrar a linguagem das diversas situações - os sinais dos tempos - e a abrir esta linguagem à inteligência da fé ("Redemptor Hominis" 19 - Notificação sobre o volume "Igreja, Carisma, Poder" de Leonardo Boff O.F.M., doutrina para a Fé 11-03-1985).

Parece hoje pacífico que a teologia néo-escolástica e a visão medieval do cristianismo, que haviam dominado a Igreja desde o

Concílio de Trento, são inadequadas para satisfazer as exigências do mundo moderno. Emergiram muitas teologias diferentes por toda a parte do mundo. Neste sentido, se pode dizer que houve um enriquecimento teológico. Os temas da filosofia moderna têm, por sua vez, fermentado a teologia. Aqui se deveria assinalar a exigência personalista em teologia; a intenção antropológica ou antropocêntrica da teologia, devendo a teologia não só procurar a inteligibilidade do em-si dos mistérios, mas também compreender as grandes afirmações da fé como a expressão de uma certa compreensão do homem por si próprio, e o apelo aos recursos não conceituais do pensamento. Basta pensar na importância da Tranzendental-Philosophie, que considera o espírito humano na sua relação transcendental e a priori com Deus. Há, no conhecimento de Deus, um conhecimento não-temático que se enraíza na condição transcendental do espírito, no sentido em que Deus é a condição a priori de todos os nossos esforços de conhecimento e de amor. É necessário que os teólogos se entendam com o teologicamente outro.

7. Na teologia, hoje, está sendo sempre mais valorizada a experiência (a experiência das mulheres como critério na eclesiologia e na teologia do ministério, a experiência dos marginalizados em desenvolver a doutrina social da Igreja, a experiência dos leigos na ética sexual).

Tal teologia pode desempenhar importante papel de mediação entre a tradição e a experiência contemporânea da comunidade cristã e trazer para a sociedade mais ampla a reflexão crítica compartilhada da comunidade cristã. Esta possibilidade de reflexão teológica, envolvendo a experiência dos homens e das mulheres cristãos, pode ser anulada pelo desânimo e a indiferença, caso não houver suficiente diálogo e abertura. A pergunta aqui é até que ponto a experiência da comunidade cristã é um critério teológico seguro.

Esta experiência está estreitamente ligada ao que se chama o sentido da fé dos fiéis. A Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a vocação eclesial do teólogo explica em que caso este sentido da fé - e aqui seria a experiência animada pelo sentido da fé - é um critério válido. Em síntese, é um critério válido quando inspirada pela fé teologal. Há uma relação indissolúvel entre o sentido da fé (o "sensus fidei") e a orientação do Povo de Deus por parte do magistério dos Pastores. É preciso estar sempre atento à influência de uma opinião pública veiculada pelos modernos meios de comunicação (nº 35).

8. Nota-se sempre de novo uma tensão entre a objetividade e a subjetividade, entre o objeto e o sujeito, entre o ontológico e

o existencial e personalista. Uma realidade é princípio, a norma, a doutrina; outra realidade é a aplicação concreta do princípio, da norma, da doutrina. A práxis não coincide com a doutrina, o princípio; a norma. Em si, a pessoa, o sujeito, é também um princípio, uma norma, um ontológico.

Se olho o princípio e olho de outro lado a subjetividade, necessariamente devo admitir um relativismo, que aqui não se deve ver em oposição ao absoluto, mas como relação, como um estar relacionado, um ser referência. Este relativismo não se pode confundir com o mero subjetivismo. O subjetivismo, não admite qualquer outro princípio a não ser o do sujeito, ao passo que o relativismo, relação, referência, admite o objetivo, a norma, o princípio, que são, porém, aplicados diferentemente ao sujeito conforme sua situação, conforme o seu ser sujeito condicionado. É a tensão entre o doutrinal e a pastoral!. O doutrinal, ilumina o pastoral, mas o pastoral ilumina também o doutrina!. E sempre a questão da experiência que pode fazer progredir o doutrina!. O doutrinal não é uma realidade estática, mas sim, dinâmica. Pode crescer, desenvolver-se. O Espírito conduz a sua Igreja à verdade plena (Jo 16,13). O que significa isso como processo? Existe a verdade, mas ela não é plenamente possuída. A verdade objetivamente não muda, mas ela é possuída subjetivamente de modo diferente. A verdade em si é uma só, mas é captada diversamente. Não é captada da mesma maneira. Não é assimilada do mesmo modo. Na "Familiaris Consortio", o Papa fala da gradualidade de um processo dinâmico de crescimento, que vai progressivamente integrando os dons de Deus, e das exigências do seu amor definitivo e absoluto em toda a vida pessoal e social do homem. É um processo pedagógico de crescimento, que leva a um conhecimento mais rico e a uma integração mais plena do ministério de Cristo na vida (nº 9).

9. Há uma tendência muito forte de afirmar a atividade teológica de cada Igreja local animada pelo Espírito Santo, que vai conduzindo a comunidade à verdade sempre mais plena. Não se pode, neste contexto, esquecer o papel que exerce a Palavra de Deus, a Escritura, que hoje é sempre mais usada e refletida pela comunidade, dentro da realidade que a comunidade vive. A maioria dos cristãos desenvolve uma sensibilidade teológica, se bem freqüentemente rudimentar. Eles têm uma idéia de Deus, alguma idéia de Jesus, do que Ele disse e fez, uma compreensão básica da relação entre o amor ao próximo e a salvação.

Entretanto, esta teologia rudimentar não é suficiente. O papel da teologia científica se faz necessário na comunidade. A teologia científica é uma mediação crítica entre a fé cristã transmitida na

tradição e a experiência viva contemporânea dos cristãos. A teologia está a serviço da práxis cristã no mundo. A fé cristã exige, hoje, da teologia, que ela não seja apenas um agente de conhecimento, mas também um agente de transformação.

A teologia é importante para a Igreja. É uma reflexão crítica sobre a fé e a moral. E a tentativa de construir o todo da realidade, o mundo, a existência humana, sua história, Deus, à luz das fontes da tradição cristã.

A teologia trata sobretudo de Deus, mas não só sobre Deus. Tudo entra, direta ou indiretamente sob o escrutínio da imaginação teológica cristã. A reflexão teológica nasce e se nutre dentro da comunidade cristã. Por isso, esta reflexão deveria também estar direcionada de volta para esta mesma vida histórica e espiritual. Todo conhecimento deve estar voltado para a vida. Uma das medidas (termômetros) do valor de uma teologia, além de sua lealdade e fidelidade às fontes e de sua integridade, é a relevância que a reflexão teológica tem para a vida real das pessoas que constituem a Igreja e sua capacidade de dar força a esta vida. Além disso, a teologia de hoje deve ser sempre mais teologia do diálogo com os homens que pensam não poder crer.

A teologia refletida que acontece dentro da Igreja - a Igreja, o lugar da reflexão teológica - deve constantemente refletir sobre a base da Igreja, os seus objetivos e as operações ministeriais intrínsecas à Igreja. A Igreja, como Instituição, necessita de constante revisão crítica de sua visão e missão básicas. Mas também a Igreja é uma Instituição dedicada a preservar e nutrir a fé, à luz da qual os teólogos refletem. A Igreja fornece a visão viva da fé a partir da qual o teólogo trabalha. A reflexão teológica nasce e se nutre dentro da comunidade cristã. Vê-se assim que não só a teologia é importante para a Igreja, mas a Igreja é igualmente importante para a teologia.

10. Houve mudanças no mundo e na Igreja de hoje que influenciaram a Igreja, a teologia e a teologia na Igreja. São elas:

1. a divisão do saber;
2. o movimento ecumenico
3. o diálogo inter-religioso;
4. o surgimento dos movimentos de libertação.

### **1. A divisão do saber**

Nas sociedades antigas nem sempre é fácil distinguir os limites entre religião, organização social e vida econômica.

Nas sociedades modernas, porém, as pessoas distinguem entre modos de saber, espécies de saber e espécies de realidade que são conhecidas. 'Junto a este número crescente de diferenciações no saber, 'encontramos também uma tendência para' a compartimentalização de esferas separadas de saber. Coloca-se a teologia na esfera da religião e a teologia cristã na esfera meramente eclesial. Segundo esta tendência, a teologia (às vezes dizem a fé ou a Igreja) não tem nada a ver com outras realidades. A teologia é, então, concebida como disciplina puramente confessional e fideísta. É como se fosse uma disciplina sectária. Teologia, por isso, não tem que ver com negócios, com economia, com política. São decisões autônomas. É a secularização levada ao extremo.

Não negamos que diferenciações formais de métodos e espécies de saber são essenciais para umpensar claro e crítico, mas não definem esferas separáveis da realidade. Definem formas distintas de aproximação à realidade. O que é distinto, não é necessariamente separável ou separado. A teologia não pode ser separada da esfera da vida humana. Vale aqui o que diz "Guadium et Spes": "Nada de verdadeiramente humano é alheio à Igreja" (nO 1). A teologia, portanto, não é alheia ao terrestre. Ela deve refletir sobre toda realidade à luz das fontes da fé cristã sob a guia do magistério. O objeto da teologia não é apenas Deus em si, mas também o todo do humano e o todo do mundo à luz de Deus. A teologia tem o que dizer também aos que não foram educados como membros da Igreja ou não vivem o seu ser membro da Igreja. A teologia tem função evangelizadora. Por isso mesmo deve merecer forte apoio de cada Igreja local ou particular. Cada Igreja local ou particular tem que pensar os seus problemas teologicamente. Isto significa evangelizadamente, missionariamente.

## **2. O movimento ecumênico.**

As sementes do movimento ecumênico foram lançadas com a consciência da historicidade do séc. 19 e aparecem formalmente no séc. 20. A Igreja Católica, a princípio, teve as suas dificuldades e há quem ainda as tem hoje, porque poderia este movimento significar indiferentismo religioso. Com o Vaticano II foi dado pela Igreja Católica o seu impulso e a sua orientação quanto ao movimento ecumênico. A unidade da Igreja, a comunhão eclesial, foi um valor e um tema dominante da autocompreensão da Igreja.

Hoje há, entre os cristãos, dois grandes campos: os que rejeitam o movimento ecumênico e os que o aceitam.

Para certa categoria de teólogos evangélicos, de tendência fundamentalista e de compreensão ingênua da inerrância bíblica, o ecumenismo lhes aparece como infidelidade à revelação escriturística. Para outros teólogos evangélicos e também católicos, o ecumenismo faz parte do plano salvífico divino: "Que todos sejam um como tu, Pai, em mim e eu em Ti, que todos sejam um em nós" (d. Jo 17, 21-24).

Como ser teólogo ecumênico, não é fácil. Entretanto, os teólogos têm um papel importante a desenvolver neste campo. Na Encíclica "Ut Unum Sint", de 25 de maio de 1995, o Papa refere-se, no n° 79, a vários temas que ocorre aprofundar para se alcançar um verdadeiro consenso de fé. Entre eles, de modo particular, o ministério do Sucessor do Apóstolo Pedro, o Bispo de Roma, sinal visível e garante da unidade, mas para a maior parte dos cristãos não-católicos, uma dificuldade. Aí o Papa exprime um desejo em forma de pergunta. "A comunhão real, embora imperfeita que existe entre nós, não poderia induzir os responsáveis eclesiais e os teólogos a instaurarem comigo, sobre este argumento, um diálogo fraterno, paciente, no qual nos pudéssemos ouvir, pondo de lado estereis polémicas, tendo em mente apenas a vontade de Cristo para a sua Igreja, deixando-nos penetrar do seu grito: "Que todos sejam um ... para que o mundo creia que Tu me enviaste" (1a 17,21)?

Temos, na mesma Carta Encíclica "Ut Unum Sint" (n° 79), outros pontos indicados pelo Papa:

- as relações entre a Sagrada Escritura, suprema autoridade em matéria de fé, e a Sagrada Tradição, indispensável interpretação da palavra de Deus;

- a Eucaristia, sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, oferta de louvor ao Pai, memória sacrificial e presença real de Cristo, efusão santificadora do Espírito Santo;

- a Ordem, como sacramento, para o tríplice ministério do episcopado, do presbiterato e do diaconato;

- o magistério da Igreja, confiado ao Papa e aos Bispos em comunhão com ele, concebido como responsabilidade e autoridade em nome de Cristo para o ensino e preservação da fé;

- a Virgem Maria, Mãe de Deus e Ícone da Igreja, Mãe espiritual que intercede pelos discípulos de Cristo e pela humanidade inteira.

Todos estes problemas tornam-se para nós mais agudos devido ao enorme e acentuado sectarismo existente.

### 3. O dialogo inter-religioso

O pluralismo religioso, hoje, é um fato. Ele é cada vez mais visível. As religiões partilham do mesmo espaço nas cidades e mesmo no interior. A atitude da Igreja em relação às outras religiões, a partir do Vaticano II, e recentemente com o incentivo especial do Papa João Paulo II, vem sofrendo profundas mudanças.

O Papa, na "Tertio Millennio Adveniente" (nº 52), diz que, no curso do 3º ano de preparação, dois empenhos são inevitáveis: o confronto com o secularismo e o diálogo com as grandes religiões. Ressalta os hebreus e os muçulmanos. Manifesta o desejo da realização de encontros comuns em lugares significativos para as grandes religiões monoteístas.

Dois riscos a serem evitados: o sincretismo e o irenismo fácil e enganador.

A posição da Igreja e, conseqüentemente, da teologia, é a do testemunho e diálogo.

Diálogo significa troca respeitosa e atenciosa e abertura para com as pessoas, suas culturas e religiões.

Testemunho significa humildade e modéstia na afirmação cristã de ser a verdade última. A modéstia não se origina da incerteza e dúvida: os cristãos sabem a experiência que fizeram de Deus por Jesus Cristo, mas é preciso estar aberto a um encontro com Deus mediado por outras religiões, sem esquecer as sementes do verbo.

O diálogo, o ir além, o entrar no mundo de outra religião, tanto quanto for possível, ajuda a autocompreensão cristã. Entra-se no mundo da experiência religiosa com a qual se dialoga.

Tornar-se cristão não é para a pessoa de outra religião mudar de religião, mas é deixar que o Verbo transfigure os valores religiosos existentes na pessoa. A salvação trazida por Cristo não visa substituir a realidade da natureza por uma outra realidade. O Verbo vem salvar o homem que Ele criou. Ora, este homem é um homem religioso. Não se trata de destruir, mas de levar à perfeição: "Gratia supponit naturam, eam sanat, elevat, perficit", "Não vim abolir a lei e os profetas, mas levá-los à sua perfeição" (Mt. 5,17).

### 4. O movimento de libertação

Trata-se aqui de ver a existência humana não só individualmente, mas tanto pessoal quanto socialmente. Influi para isso a teologia da

libertação, a teologia política, a teologia feminista e todas as teologias que tratam das formas específicas do sofrimento e opressão humanos de grupos inteiros, grupos de teologia negra, de teologia índia, ...

A moderna teologia se voltou para o **o sujeito**, para a antropologia religiosa, para a experiência do transcendente como base para a afirmação religiosa. Hoje, uma compreensão individualista do homem é simplesmente inadequada: sua abstração desconhece a real situação do indivíduo. A mudança produzida pelas teologias socialmente conscientes é antropológica. A existência humana não pode ser entendida fora de um conceito histórico-social. A pessoa, individualmente única e espiritual, quando é realmente entendida de modo existencial e concreto, é vista como sendo um indivíduo social.

Deste enfoque social da teologia cristã seguem várias conseqüências para a teologia hoje:

1) A teologia de hoje precisa abordar explicitamente a aparente falta de sentido da história humana para muitas pessoas. O aumento da população mundial e os progressos da tecnologia moderna resultaram em níveis chocantes e escandalosos de sofrimento humano em massa. É preciso mostrar como o desígnio de Deus para com a história se volta para o desenvolvimento da própria história e a influencia.

Sabemos que este problema é sério. A experiência humana se revolta contra a falta de sentido da condição humana que os homens criaram e não se vê maneira de aliviar "este sofrimento. Há toda uma descrença numa possível melhora. As pessoas acham que não há coerência na própria história.

2) A teologia deve abordar a questão da liberdade humana em nível social e individual. É uma questão ligada ao problema do sentido da história, mas converge também para a questão da vida e espiritualidade cristãs, pois a liberdade é uma exigência ou pressuposto para o próprio ato de fé. Cresce sempre mais o consenso de que a liberdade é uma força de criatividade, tem habilidade de planejar e conseguir realizar coisas novas, coisas distintas e originais. A teologia da criação, da providência, da graça e salvação, bem como o papel da Igreja e de seus ministros, precisam ser postos em correlação com esta nova experiência humana. Há um número crescente de pessoas achando que o ensino tradicional da Igreja sobre a vida cristã é irrelevante para a vida real do mundo de hoje. É, pois, necessário que a teologia aborde o caráter social

e público da vida humana na história. A insistência do Papa sobre a importância da doutrina social da Igreja deve colocar-se aí.

11. Quisemos chamar a atenção para algumas tendências marcantes na teologia de hoje. Existem movimentos que, num próximo futuro, estarão muito presentes na evolução teológica de índole pastoral. É só lembrar o movimento de inculturação da fé, o movimento missionário; as comunidades eclesiais de base; o movimento litúrgico; o movimento bíblico-patristico; os novos movimentos apostólicos, que provocam reações diversas, mas estão aí e necessitam de maior aprofundamento. É só pensar na Renovação Carismática Católica, no Movimento Focolarino, no Movimento "Comunhão e Libertação", no Movimento de Schönstatt ...

12. Algo que no pluralismo teológico se faz sentir muito é a fragmentação da teologia. Não é fácil ter uma visão unitária. O tempo, sem dúvida, ajudará no amadurecimento de tantos enfoques diversos que buscam um caminho de solução para a comunicação e a vivência da Palavra de Deus num mundo tão diferente do de ontem. Não se trata tanto da relação entre fé e ciência, mas muito mais da relação fé e vida.

Endereço do autor:  
Caixa Postal 5  
12570-000 - Aparecida - SP